



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

FLORESTANIA, MODERNIDADE E OUTRAS FARSAS DO GOVERNO PETISTA NO ACRE

Francisco Rodrigues pedrosa¹

1. Introdução

O presente artigo tem por finalidade fazer uma lépida análise das iniciativas públicas preconizadas e alardeadas por um grupo político que se instala no poder a partir de 1999 no estado do Acre. Rompendo, aparentemente a linha histórica de gestores malsucedidos, essa caravana de propósitos, essas reuniões de interesses e manifestadas construções publicitárias que anunciavam mudanças, personificadas em elementos de uma família que trazia, na genética, marcas do passado a se mudar, podem ser vistas sobre outros olhares, sobre novas luzes e inseridas em contextos que escapam a falsa ideia de que inovavam no mundo dos homens.

Buscaremos abordar também alguns motores ideológicos que foram construídos e transmitidos de forma extremamente assídua, numa máquina de propagando feroz e intensa que o “novo” poder político produziu, no escopo de dar legitimidade, credibilidade e segurança ao governo instalado. Soma-se a isso, também a constatação de que, nesse momento político, há uma disjunção sociológica profunda, o moderno e o tradicional, o resgate aos valores, que segundo esses governantes, foram perdidos e o apontar para a dita modernidade. Dois dilemas dicotômicos que somente um discurso bem elaborado poderia harmonizar.

¹ Licenciado em História e bacharel em Direito, ambos pela Universidade Federal do Acre, pós-graduado em Direito Tributário e estudante em curso de Pós-Graduação Letras linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre. E-mail f-r-p@bol.com.br



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

2. O líder carismático

A chegada ao poder em 1999, rodeado de partidos nanicos a seu redor, numa sedutora nomenclatura chamada Frente Popular do Acre, onde se reuniam as mais diversas ideologias com diversas formas de entendimento de como se deveria exercer o poder político, bem como, quais os projetos necessários e suficientes para o estado, fez com que, finalmente, depois de quase uma década, o engenheiro florestal pudesse mostrar qual leitura tinha do estado e o que pretendia realizar para solucionar problemas estruturalmente complexos e decisivos.

Por todo esse período, Jorge Vianna sempre se reservou a elaborar uma boa imagem de si. Carismático, com boa oralidade e sabendo aproveitar o caos instalado no poder público, Vianna sempre fazia questão de mostrar seu entrelaçamento com os movimentos de esquerda ambiental e com as lideranças religiosas que tanto combateram as mazelas e as agruras de tempo anteriores.

O novo governador tinha pegado uma confortável carona nas ondas ecológicas e nos dizeres e nas lutas que aconteciam no campo, devido à forte influência pecuarista que o Acre sofreu a partir de 1970. No poder, necessitava justificar o discurso usado em campanha de ser um legítimo herdeiro das lutas agrárias, afastar as ingerências históricas de ter nascido em família que tinha cheiro e suor ideológico de Regime Militar, e construir um novo cenário para o estado, tendo na ideia de que o progresso e a modernidade tinham de chegar para a região.

3. Mudanças na aldeia

Sob um forte aparato publicitário, no afã de promover um discurso de que o Acre viveria o novo, de que os ideais nacionalistas do passado seriam revividos, a fim de que levasse nos braços, rumo à modernidade, um estado



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
 VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

pobre e carente, o governo petista cuidou, na prática, de realizar pontuais alterações na máquina pública do estado.

Tratou, na verdade, embora apregoasse muito mais do que fazia, de reformular a gestão, buscando racionalizar as relações do serviço público, quer do ponto de vista introverso, quer do ponto de vista extroverso. Tudo dentro dos limites de qualquer administração burguesa, também encontrada em outros estados brasileiros. Nada que justificasse a excessiva publicidade usada, a ponto de se sugerir que uma revolução estava ocorrendo.

Mas isso se compreende! Alojado no mais alto nível político do estado, o grupo precisava construir verdades, impor sentimentos e sentido a sua gestão, fabricar heróis e formar a alma do povo acriano. Apesar de divergente da maioria da população que ainda enfrentava graves problemas com a ausência do poder público em suas localidades, os discursos serviam amiúde para fabricar sonhos, assegurar no imaginário popular a ruptura com o antes, no mesmo instante em que se jogava luz, de dentro do poder, no caminho que viria.

Nas palavras de Foucault:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2010, p. 10)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Em bases mais adjuntas às razões econômicas, o grande suporte para que tivéssemos o reaparelhamento dos serviços público, em moldes que contemplassem melhor uma administração equilibrada, foi o aumento da arrecadação tributária.

Estruturou-se toda uma conduta científica, a fim de que o estado se fizesse presente nas relações jurídicas mercantis, existentes, mas muito mal assistida.

Para termos uma ideia, analisando apenas as receitas oriundas do Imposto sob Circulação de Mercadorias e Serviços, o famoso ICMS, com as novas logísticas, saltou de tímidos R\$ 76.224.005,33 (setenta e seis milhões duzentos e vinte quatro mil cinco reais e trinta e três centavos no exercício de 1999, para R\$ 169.676.351,47 (cento e sessenta e nove milhões seiscentos e setenta e seis mil trezentos e cinquenta e um real e quarenta e sete centavos) em 2002.

Sem delongas sobre a matéria, vez que não é a intenção de abordá-la mais detidamente aqui, mas que serve para podermos perceber a evolução destacada da arrecadação tributária no Acre, conforme disponível, em 2014, ainda em relação ao ICMS, as cifras chegaram a quase um bilhão de reais: R\$ 816.107.675,11 (oitocentos milhões cento e sete mil seiscentos e setenta e cinco reais e onze centavos). Nitidamente se verifica que o pilar das mudanças empregadas pelo governo petista foi socorrido por um caixa mais diversificado².

4. O conceito e as implicações do termo “Florestania”

Do ponto de vista das medidas repercutidas no governo de Jorge Vianna, a partir de 1999, a que mais impacto teve, não pelo neologismo

² Dados obtidos na página da internet da Secretaria da Fazenda do Estado do Acre.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

condutor de fortes tendências ideológicas, mas pelo retumbante fracasso, foi a da ideia de Florestania.

Do ponto de vista teórico, essa terminologia seria um conjunto de medidas que vislumbravam uma ruptura no modelo de desenvolvimento e sociedade, há tempos gravado nas mentes de nossos gestores públicos. Trata-se na verdade de uma ideia que se baseia no fato de que a floresta conservada e suas riquezas preservadas seria potente pressuposto para garantir qualidade de vida aos que não sugeriam mudanças migratórias do campo para à cidade.

Permanecendo na floresta, ou estimulados a lá permanecer, essas pessoas estariam desenvolvendo, com a ajuda do poder público, novos parâmetros de sociabilidade, novas relações sociais cuja matriz de subsistência era a própria floresta.

Teoricamente algo totalmente inovador, vez que rompia com o discurso secular de que as cidades promoviam melhor bem estar às pessoas, ao mesmo tempo em que se mostrava como uma interessante alternativa ao fracassado modelo de sociedade já existente e que se mostrava corroído e ineficiente.

Uma outra matriz de sustentação do conceito de Florestania, que se junta ao conceito de patriotismo já indigitado, é o de que essa ideologia advém dos traumáticos movimentos de luta pela terra que se desencadearam no estado, a partir da década de 70 do século passado, por conta das políticas públicas de incentivo a pecuária, impostas pelos novos gestores.

Com o golpe militar, verifica-se uma clara mudança de eixo econômico na Amazônia. A certeza de que a permanência no modelo extrativista era impossível, vez que não atendia às exigências mercadológicas, nem conseguia fazer frente aos novos centros produtivos, fizeram com que a tecnocracia militar buscasse novas alternativas para a região.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Região que desconheciam e sempre a viram como um enorme dilema a ser debatido. Um empecilho que afetava profundamente o projeto que tinham para o Brasil e a segurança da soberania do território brasileiro, historicamente ameaçado por estrangeiro, graças a também histórica ausência do poder.

Em artigo publicado em 2013, intitulado Cultura e Natureza, Arte e Política na Amazônia Acreana, Albuquerque e Alves Ishii, esclarecem que:

As décadas de 1970-90 foram marcadas por transformações e drásticas mudanças no panorama das florestas, cidades e, principalmente, da capital do estado do Acre. Em meio a toda uma política de expansão dos grandes projetos econômicos para a região norte, tendo como referência os empreendimentos e aberturas de rodovias e incentivos às grandes empresas ou grupos de empresários das regiões sul e sudeste, o governo federal, dirigido pelos militares e civis do pós-1964, almejava não apenas a "integração" da Amazônia ao restante do território nacional, mas inserir um projeto de "modernização" que colocasse termo ao seu "atraso" e "subdesenvolvimento". Todo esse processo implicou em uma série de violências contra o "mundo natural" e as sociedades amazônicas, atingindo, primordialmente, inúmeras famílias de seringueiros e outras categorias de trabalhadores das florestas, que foram sendo expropriadas de suas terras e deslocadas em sentido floresta-cidade. As resistências dos "habitantes das matas" fizeram surgir organizações sindicais e associações que, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), entidade ligada à Igreja Católica, e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) reagiram contra as expropriações e passaram a reivindicar o direito de permanecer em seus tradicionais locais de moradia e preservar suas culturas na condição de "criaturas da floresta", na feliz percepção de Esteves (2010). (ALBUQUERQUE; ALVES ISHII, et al., 2013, p. 198)

Foi nesse cenário de rupturas econômicas, mudanças de mentalidade produtiva e da ideia de que era preciso defender a pátria, que se inicia uma violenta política de implantar no Acre uma base de desenvolvimento mais alinhada às do restante do país.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A cultura do boi fora a escolhida e, como uma atividade que requer terra em abundância, iniciam-se os primeiros conflitos com as populações que permaneciam na floresta, vivendo e construindo modos de vida que não se adequavam à lógica do grande capital.

A concepção de Florestania vai buscar nesse movimento, suas bases teóricas, tentando, por meio de uma cínica usurpação midiática e publicitária, reafirmar, ou melhor, retomar uma luta social travada no calor da experiência de vida de milhares de pessoas que buscavam resistir à destruição de seus modos de vida. Aceitar a Florestania era, para os novos gestores governamentais, uma maneira de prestar contas com o passado, um triste e sangrento passado que esses eleitos poderiam redimir.

Como ocorrera com a invenção de mitos e heróis da malsinada revolução acriana, agora também, aproveitando toda a onda e a carga de consciência mundial que os movimentos ecológicos traziam para o discurso na sociedade brasileira, o governo petista tratava de elaborar uma poderosa máquina discursiva que formulasse a ideia de que tínhamos um modelo pioneiro de desenvolvimento social que iria garantir qualidade de vida e bem estar a todos os que optassem por permanecer e viver na floresta.

Ao menos teoricamente, trazendo também a ideia de pertencimento ao local onde vive, exaltação ao regionalismo, bem como a ideia de que tínhamos um paraíso a ser desvendado, o governo apresentava um estímulo e uma valorização formidável a esse modelo de vida, criando novas identidades, imprimindo nas mentes dessas pessoas a falácia de que eram os reais vencedores da luta que começara nos idos dos anos setenta.

Estabelecendo alguns pontos de referências metodológicos, desenvolvendo análises a respeito da invenção do Nordeste, Albuquerque Júnior nos ajuda a entender como se dá a formação desses elementos



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

discursivos e de como são produzidos a partir de sua sujeição a sua própria historicidade:

Questionamos a própria ideia de identidade, que é vista por nós como uma repetição, uma semelhança de superfície, que possui no seu interior uma diferença fundante, uma batalha, uma luta, que é preciso ser explicitada. A identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las. São espaços. São espaços que se institucionalizam, que ganham foro de verdade. Essas cristalizações de pretensas realidades objetivas nos fazem falta, porque aprendemos a viver por imagens. Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. Por isso, a história se assemelha ao teatro, onde os atores, agentes da história, só podem criar à condição de se identificarem com figuras do passado, de representarem papéis, de vestirem máscaras, elaboradas permanentemente. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 38)

São esses dois elementos, essas duas plataformas ideológicas, o resgate do questionável patriotismo do período inicial da exploração do látex na região e a usurpação política dos movimentos de luta pela terra de meados da década de setenta, que formularão a máquina discursiva que cuidará em produzir imagens, verdades, monumentos e sonhos.

Impondo verticalmente a palavra, o dizível e o signo, a ser marcado no povo, o novo governo de Jorge Vianna cuidará, prontamente, em caracterizar e classificar os contrários, os inimigos, não desse discurso, mas sim de todos os acrianos.

Quem não agia ou rezava conforme a cartilha da Florestania, quem discordava, quem buscava ampliar o debate da terminologia, quem visava fazer do modelo algo a ser pensado em prol do povo, promovendo a desobediência a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

conceitos naturalizados, era, a partir de agora, tido como um sujeito que não gostava do estado, era inimigo do Acre.³ Nas palavras de Gerson Rodrigues de Albuquerque⁴, citado por Rocha:

Quando ouço essa expressão, insistentemente propagandeada pelas pessoas que governam e pelas que acreditam governar junto o Estado do Acre, não consigo deixar de vê-la apenas como marketing ou slogan publicitário de um determinado grupo político que trabalha no sentido de configurá-la como a mais profunda e legítima realidade social. É algo assim, como se ao expressar de forma constante a palavra “Florestania”, cunhada como trocadilho grosseiro e simplista de “cidadania” para as pessoas que vivem na floresta, automaticamente se garantisse bem estar, saúde, educação, renda, direitos humanos consignados na máxima das mais amplas liberdades para essas pessoas e isso, todos nos sabemos e as mulheres e homens que vivem na floresta sentem, não passa de uma farsa, um grande engodo. (ALBUQUERQUE apud ROCHA, 2012, p. 50)

Aqui há um ponto pertinente a ser mencionado: a fala de Albuquerque convida a pensarmos que essa construção discursiva, composta de imagens, mitos e verdades, oferecida/imposta pelos donos do poder no estado não recebia aceitação passiva, não era assimilada na mesma frequência sonora de quem a emitia. Trabalhadores, intelectuais urbanos, corajosos sindicalistas e outros segmentos da sociedade tentaram rediscutir essa política, ao mesmo tempo em que denunciava que as alterações sociais propagadas não passavam de fumaças coloridas.

Mergulhados numa crítica extremamente necessária, atentos às inúmeras facetas e artifícios manuseados, essas pessoas, com seu

³ O governo dos Viannas sempre se mostrou fortemente combativo, usando de todas as estratégias possíveis para silenciar a discordância de opinião. Os espaços de comunicação pública tornaram-se monólogos de enunciação. O que era para ser visto como rede pública de rádio e televisão passaram a ser sentidos e vividos como rede do Governo, para o Governo e com o Governo.

⁴ Doutor em História Social pela PUC-SP. Professor associado, Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre. Líder do Grupo de Pesquisa História e Cultura, Linguagem, Identidade e Memória.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

comprometimento ético e humanista, elaboravam contradiscursos que pudessem mostrar outros caminhos de lutas, outros sentidos para o que se percebia acontecer. Sabiam, no fundo, que era preciso produzir:

Uma historiografia que nos faça manter uma relação problemática com as memórias, com as lembranças, tornando nossa relação com o passado distanciada e crítica, longe de saudosismos e nostalgias, mesmo as populistas. Uma historiografia capaz de nos afastar da adesão aos códigos que regem nossa cultura, capaz de problematizar os conceitos que nos definem e que nos servem para dizer e inventar o mundo à nossa imagem e semelhança. É preciso a construção de um discurso historiográfico áspero, seco, que não seja fácil de ser tragado, que incomode a quem lê e também a quem produz. Um texto que nos retire do nosso conforto, uma história que não seja escrita em redes de dormir, em poltronas e cadeiras de balanço, nas varandas ou debaixo das árvores do quintal. Um texto que seja agudo, penetrante, que não deseje amaciar, acarinhar ou envolver sem sobressaltos ao leitor. É preciso escrever um texto historiográfico que fira, que provoque dor ao trazer para a cena os eventos e personagens que foram feridos, magoados, que doloridos viveram vidas de restos e de rastro. Uma história que trate de homens e mulheres que viveram vidas ásperas e rústicas. Uma narrativa historiográfica ríspida, acrimoniosa que dilacere os objetos e sujeitos tidos como verdades inquestionáveis. Escrever uma historiografia não somente de sabor acre, mas de aroma acre, um relato que seja acerbo, que seja forte, que seja ativo, que seja penetrante. Uma escrita histográfica que perturbe nosso pensamento e nossos sentimentos, que nos faça pensar e sentir diferentes, uma história que nos desencaminhe mais do que nos oriente. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, et al, 2014, p. 128 – 129)

O acolhimento ou não dessas propostas é plataforma para outros debates, outras discursões, embora saibamos que o pressuposto de aceitabilidade não tira a imperiosidade de que precisava acontecer, vez que, sendo socialmente locutores das mensagens governamentais, reagiriam a partir do ponto onde se encontravam, com suas ideologias, histórias e experiências de vida. (BAKHTIN, 2014, p. 71 - 132)

5. A falência da “Florestania”



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A reação, ou por que não dizer, a verificação de que a política da Florestania não passava de um grande engodo que serviu mais para promover personalidades e melhorar a situação financeira de muitos aproveitadores, ocorreu em várias frentes de conhecimento. Qualquer que fosse o ponto escolhido, era possível perceber o oposto do que tinha sido prometido: muito pouco era visto longe das luzes midiáticas.

Do ponto de vista financeiro, é sabido que o estado do Acre é historicamente⁵ uma entidade federativa deveras dependente de repasses federais. Sendo um estado com uma com poucas variantes econômicas, as arrecadações próprias e as demais receitas de seu patrimônio não conseguem muito além de contribuir timidamente com os custos de manutenção da máquina estatal.

A implicação imediata disso é que, por mais que a política da Florestania alimentasse e divulgasse a ideia de que buscaria desenvolver as potencialidades da floresta, extraindo novas fontes de poder econômico, valorizando a preservação do ambiente, o que se assistia era apenas a tentativa de alocação de recursos do governo central para o projeto em pauta. Em outras palavras, a manutenção das pessoas nos seus locais “originais” se dava menos pela efetiva exploração dos recursos existentes e mais pelos valiosos repasses assistenciais da União que soia acontecer.

As poucas matérias-primas exploradas, imersas em sistemas produtivos arcaicos, sem uma infraestrutura que pudesse dar sentido mercadológico a esses produtos, serviam muito mais como peça publicitária do que como fonte de receitas para as pessoas que se propusessem a explorar.

Outro ponto derivativo dessa característica do programa é que, qualquer mudança no plano federal implicava em problemas de suporte para o projeto a

⁵ A única exceção se deveu no auge da extração de borracha, no início do século XX, onde a região fornecia altas somas tributárias para o Governo Federal.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

nível local. Em tempos de austeridade econômica, corte de receitas, ou quaisquer outras políticas que saiam de Brasília, traziam impactos significativos no formato e no desenvolvimento das diretrizes que fundamentavam a Florestania. Sem o subsídio robusto de verbas federais, as coisas não eram vistas claras no horizonte breve.

Precioso também salientar que, além disso, a má gestão também contribuiu para que os recursos existentes para o projeto não chegassem com precisão ao destino planejado. Entraves administrativos, imprecisões contábeis e outros mecanismos burocráticos deixavam clara a impossibilidade de uma administração efetiva dos recursos públicos. Sem a assistência devida, sem o apoio esperado, era previsível que a migração para as cidades continuassem. O problema do êxodo rural no Acre não sofreu significativas alterações com a ideia de Florestania.

O governo de Jorge Vianna terminava muito mais marcado pelas obras de embelezamento de alguns pontos do centro da capital, do que pela consolidação do projeto que lhe fundamentou as promessas de campanha. Após oito anos, tínhamos reconhecidamente uma maior racionalidade na administração pública e uma maior visibilidade que agradava aos olhos dos agentes externos. Porém, escondidos em seus próprios discursos, maquiado por suas imagens midiáticas e por suas verdades, encontrava-se um projeto que pouco resultado deu e poucas mudanças trouxe para as pessoas que habitavam as florestas. Os próximos governos não iriam se alimentar dessa quimera.

6. O discurso da modernidade econômica como negativa da Florestania.

Os próximos dois governantes que assumiriam o executivo do estado se marcariam por silenciosa mudança retórica das ideias do gestor anterior. Por traz de palavras vazias, imprecisas ou indeterminadas, utilizadas nas campanhas e nos roteiros midiáticos, estava uma forte preocupação com os



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

índices e quadros sociais nada confortável para um estado que, nas letras, se dizia harmonicamente alinhado com a cidadania de sua população.

Arnóbio Marques e Sebastiao Vianna, ambos do mesmo partido do governador anterior que iriam suceder, buscariam o “novo”, juntos as velhas formas de desenvolvimento, tão utilizadas em outros estados da federação. Para tal desiderato, era preciso agora desconstruir, de forma velada, os ideais de Florestania e mirar para a concepção de que o Acre precisava de indústrias e de progresso, passando, inexoravelmente, pela ideia de modernidade. Reforçamos essa ideia com a observação escrita de Nogueira ao abordar o fenômeno dos símbolos da modernidade em Porto Velho na primeira metade do século XX:

(...) O moderno é, no fundo, apenas tênue carapaça que recobre precariamente as seguranças mais profundas de relações sociais arcaicas. Tão precariamente que, apenas cessada à vigília ao final do dia, esse mundo pretérito emerge, à consciência, no sonho, para expor, julgar e temer as irracionalidades e desencontros da vida cotidiana. (MARTINS apud NOGUEIRA, 2010, p. 74)

Nesse novo eixo de pensamento, os sucessivos governantes eram sabedores de que seria preciso tanto criar nova simbologia, novos discursos e novas formas de se apresentar, como também desconstruir os velhos, eliminar aqueles que não tinham mais correspondência com o cenário atual. Claro que isso seria feito de uma forma que não propusesse a ideia de rupturas, mas sim de continuidade.

Como mencionado acima, o mais fantasioso das novas ideologias é que se trata de receitas que há tempos vêm sendo praticadas por outros estados da federação. Políticas de forte clamor desenvolvimentista é a marca da Amazônia



x Simpósio Linguagens e Identidades da/ná Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

desde tempos imemoriais, recrudescido com a ascensão ao poder dos militares em 1964.

7. Conclusão

Constatados esses pontos, pode-se dizer que o Acre chegava atrasado nessa corrida desenvolvimentista. Isso talvez, comparado aos impactos e estragos causados ao meio ambiente nos estados/laboratórios dessas políticas, onde se observa a ausência também de melhorias de vida da população, seja a oportunidade que temos de lutar por mais espaços discursivos, criticar as tiranias e imposições verticais desses governos e propor novos caminhos para o estado, destruindo os discursos que dissimilam nossas experiências sociais mais prementes.

Todas essas transformações que almejamos, passa, indubitavelmente pela própria crítica das implicações que o termo modernidade cria. É preciso discutir não apenas a modernidade como um legado europeu que se naturalizou entre nós, ditando o que é bom, o que é bonito, o que é melhor ou pior para as pessoas, mas também a ideia mesmo de identidade que estamos construindo ou aceitando que construam nas nossas cabeças, numa nítida manifestação da colonialidade do poder. (BALLESTRIN, 2013, p. 99)

Para isso, mister que entendamos que nem Florestania, nem desenvolvimentismo a qualquer custo nos interessa. O que devemos buscar é um diálogo com a sociedade plural que temos, considerando suas vivências, suas múltiplas formas de sentir suas realidades e experiências sociais e, a partir daí, tentarmos encontrar soluções respostas que respeitem suas formas de viver e ser no mundo.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, G. R.; ANTONACCI, M. A. **Desde as Amazônias – colóquios**. Rio Branco: Nepan Editora, 2014.

BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem – problemas Fundamentais do Método sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

BISPO, Sheila da Costa Mota. Et al. **Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**. Rio Branco: Edufac, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4, ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Microfísica do Imperialismo – a Amazônia rondoniense e acreana em quatro relatos de viagem**. Editora CRV, 2012.